

A avaliação que vale: a de longo prazo

Quando falamos de avaliação, em geral, nos preocupamos com a de curto prazo: se o aluno avança em cada etapa o que se espera. Nossos trabalhos e provas se encerram no final do semestre ou do ano letivo. Cada aluno mostra na sua trajetória se aprende os conteúdos programados, se desenvolve as habilidades propostas. Em alguns anos temos a radiografia do percurso feito por cada um, a curto prazo: onde estava no começo de um curso e onde se encontra no final.

Além das sucessivas avaliações parciais e pontuais que cada aluno experimenta, há uma outra perspectiva que vale a pena observar, a de longo prazo: O que realmente cada um aprendeu de verdade, no todo, no conjunto, ao longo de vários anos, de algumas décadas, em cada etapa da sua vida.

Pessoas que aprenderam os mesmos conteúdos, que tiveram os mesmos professores e oportunidades costumam obter resultados muito diferentes. Uns avançam firmemente na vida profissional e pessoal; outros melhoram seu currículo, sua formação intelectual, mas não a emocional nem a ética.

A avaliação de longo prazo, a que vale a pena, mostra o quanto evoluímos de verdade em todas as dimensões da vida, no meio de contradições e incertezas; se nos tornamos pessoas mais sábias e mais humildes, se desenvolvemos níveis de compreensão intelectual e emocional mais complexos, se nos tornamos pessoas mais acolhedoras, competentes e produtivas.

Constato que muitas pessoas, de alguma forma, não desenvolvem todo seu potencial, desistem de avançar mais, se contentam com banalidades, com níveis superficiais de informação, de relacionamento, de aspiração. Tornam-se medíocres, previsíveis, pouco interessantes. De alguma forma se perderam no meio do caminho. Em algum momento desistiram de evoluir em todos os campos, cansaram do esforço constante do aperfeiçoamento pessoal, profissional e social. Diminuíram o ritmo da sua aprendizagem, se

acomodaram, não acreditaram que valia a pena continuar lendo, analisando, vivenciando, avaliando o percurso em cada etapa das suas vidas.

Muitos se contentam com a evolução na aprendizagem “profissional”, com evoluir na carreira, com melhorar a empregabilidade, o salário, sem ir além, sem uma preocupação maior com outras dimensões das suas vidas. Podem ser bem sucedidos financeiramente, sem serem pessoas completas, interessantes, fascinantes.

A educação formal, principalmente na universidade, tem focado mais o conhecimento intelectual e descuidado a compreensão das dimensões emocionais, comunicacionais e éticas, relegando-as à esfera pessoal.

Conheço profissionais brilhantes intelectualmente, com um conhecimento teórico vastíssimo e que possuem dificuldades sérias de relacionamento, de interação verdadeira, de cooperação em grupo, de valores sociais.

A avaliação de longo prazo nos mostra se nos construímos como pessoas cada vez mais interessantes, diferenciadas, inspiradoras. Isso se percebe aos poucos, mantendo uma atitude aberta, confiante, perseverante de gostar de aprender, de avaliar nossas práticas, de refletir sobre a nossa ação e de gostar de viver, sem se deixar derrotar pelas inúmeras críticas, fracassos ou desesperanças.

O maior prazer que a vida nos oferece é o de manter vivo o entusiasmo pela aprendizagem abrangente, pela curiosidade incessante, pelo conhecimento mais rico, profundo e integrado.

Aprender a viver de forma mais plena não deve ser um slogan, mas um direcionamento fundamental para a nossa realização pessoal e social. Gostar de aprender se correlaciona profundamente com gostar de viver. O que dá sentido a nossas vidas é o gosto por evoluir sempre mais, por crescer como pessoas em todas as dimensões, por perceber a realidade de forma mais rica e abrangente, por estabelecer vínculos afetivos mais profundos, por realizar atividades mais desafiadoras e que contribuam para melhorar nosso entorno.

A educação precisa focar também mais as dimensões de longo prazo, mostrando para os alunos que esse processo de aperfeiçoamento contínuo, de evolução constante como pessoas, profissionais, cidadãos é mais gratificante do que a obsessão pelo consumismo, pelo acúmulo de bens, pelo

encerramento no egocentrismo estéril e narcisista de querer aparecer mais do que ser em profundidade.